



Direção de Claude Berri; França, Itália, Bélgica; 1993

“GERMINAL”: AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO SÉCULO XIX E A LUTA DE CLASSES

O filme “Germinal” de 1993 dirigido por Claude Berri e inspirado no livro de 1884 do autor naturalista Émile Édouard Charles Antoine Zola, aborda intrinsecamente a situação dos trabalhadores da mina de Voreux e a sua condição de precariedade social, as desigualdades e disputas com os seus patrões oriundos da classe burguesa. A obra se contextualiza na França pós-manufatureira e que está se desenvolvendo industrialmente no século XIX. Um ambiente composto por intensificação da jornada de trabalho dos mineiros, insalubridades e inúmeras distinções materiais entre empregadores e empregados.

Este intenso trabalho da classe proletária é correspondido por um pagamento ínfimo, provocando a revolta, fome e a morte dos inúmeros trabalhadores que compõem as minas. Empertigados pela miséria, as mulheres, homens e crianças são obrigados a trabalhar exaustivamente diante de desmoronamentos e fragilidades em seu local de trabalho, resultando em doenças e acidentes. Diante das adversidades, nota-se no filme a organização política dos trabalhadores na busca por uma transformação de seu estado social, assim como divergências políticas entre estes pela tomada de reação frente a exploração de sua jornada de trabalho e miserabilidade.

Porém, o que é uma jornada de trabalho? Em todo caso, menos que 1 dia de vida natural. Quanto menos? [...] O capital tem um único impulso vital, o impulso de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa. (MARX, 1996, p.347).

O início do filme destaca a chegada do maquinista Étienne Lantier (Renaud Séchan) na mina de Voreux a procura de emprego, após ser demitido de seu antigo trabalho por agredir o seu empregador. Em sua aproximação, este avista o trabalhador conhecido como Boa Morte (Jean Carmet), em que o informa da falta de emprego na mina. Após um breve diálogo, Boa Morte relata o motivo de sua alcunha, onde informa ter sido retirado três vezes quase morto de dentro da mina. Em meio à tosses e à cuspir carvão, Boa Morte esclarece suas circunstâncias físicas por ter começado a trabalhar desde os oito anos de idade e atualmente possuir cinquenta e três.



O relato e a postura de Boa Morte expressa o trabalho infantil nas minas ocorrendo durante anos, assim como os acidentes e doenças provocadas pelo labor. Boa Morte, ao cuspir carvão, demonstra a extensão de uma mão-de-obra em um ambiente em que o adoce e o projeta à morte inúmeras vezes. Indiferente à composição de trabalho dos mineiros e lidando apenas com o suprimento do indispensável para que este produza, seja com instrumentos de trabalho ou um pagamento irrisório para sua subsistência, a única preocupação dos donos e administradores da Companhia Mineira detentora dos meios de produção é no resultante da consolidação de sua riqueza.

A cena seguinte expõe a pequena casa onde residem Maheude (Miou-Miou), seu marido Maheu (Gérard Depardieu), seus sete filhos e Boa Morte. Nota-se o pouco café da manhã familiar – em que comem da pouca alimentação do dia anterior-. Maheu e alguns filhos prosseguem até a mina, onde se detecta crianças descendo em direção ao trabalho dentro dela. Maheu, ao ser informado do falecimento de uma mineira, manda sua filha Catherine (Judith Henry) procurar pelo maquinista que estava em busca de emprego para ocupar esta vaga. É perceptível a naturalidade dos mineiros ao lidar com a morte da mineira, exibindo assim que isto ocorreria com regularidade.

Enquanto o resto da família se conduz ao trabalho, Maheude dirige-se até à casa dos empregadores para pedir-lhe dinheiro, pois sua família não possuía o suficiente para comprar

alimentos. O ambiente do filme transforma-se inteiramente na aproximação de Maheude até a casa da família burguesa. Observa-se uma mudança de cores, iluminação e do cenário à chegada desta até a imensa casa dos burgueses, em que difere do ambiente das minas de carvão, onde há uma baixa iluminação demonstrando um ambiente de aspecto sujo, onde “ao passar para o cenário aristocrático, o tom e as cores mudam, assim como a iluminação, que passa transmitir a sensação de bem-estar, conforto e aconchego”. (MOTTA, 2006, p.6). Após ter o pedido de dinheiro negado pelos patrões, Maheude é informada que eles estão em crise e a Companhia mineradora já concede para sua família a casa, aquecimento e seis francos por mês.



Mediante o pedido de Maheude, os senhores burgueses se espantam ao saber da sua quantidade de filhos e indicam para ela economizar como os camponeses. O descaso da família burguesa recrimina Maheude pela própria miséria e não pelas abissais diferenças entre suas classes provocados pela a estrutura e exploração de sua classe no modo de produção industrial. O enriquecimento desta família invariavelmente está associado com a exploração da classe de Maheude. Neste sentido, estas discrepâncias impetravelmente se ligam aos aspectos não apenas econômicos, mas políticos e ideológicos, como no discurso dos burgueses.

As determinações de classes, segundo Poulantzas (1975), compadece com as práticas e lutas das classes incluindo relações políticas e ideológicas, designando lugares críticos ocupados pelos agentes sociais na divisão do trabalho, sistematicamente designando locais específicos independente da vontade desses agentes. A classe social se definiria assim também pelo lugar no conjunto de suas práticas sociais, incluindo relações políticas e ideológicas, como nas posições ocupadas entre a figura dos burgueses e de Maheude ao pedir dinheiro e alimento.

Apesar da noticiada crise, nitidamente se verifica a fartura entre o café da manhã dos trabalhadores e de seus empregadores, onde a mesa do café da manhã consta com inúmeros

opções de alimentos. Do amplo conforto à comida, a contradição entre as diferentes classes é inoportuno. Esta relação entre as classes expostas no filme – proletários e burgueses – se pontua na desigual distribuição econômica e política, onde através de uma análise marxista, explica-se que historicamente isto se relaciona ao modo de produção da sociedade.

Segundo Marx, as classes surgem quando as relações de produção implicam uma divisão diferenciada do trabalho, divisão essa que permite a acumulação de excedentes de produção que podem ser apropriados por uma minoria, a qual se coloca assim face à massa de produtores numa relação de exploração. (GIDDENS, 1990, p.70).

Esta estrutura de classe entre aqueles que se apropriam do dispêndio do excedente do trabalho dos mineiros irá se perpetuar durante todo o filme, assim como se expande o início de organização política dos trabalhadores. A luta entre estas classes se acentuava pelo domínio do burguês apoiado pela propriedade privada e controle dos meios de produção, restando ao contingente em miséria à venda de sua força de trabalho em troca da sua subsistência e o despertar de sua consciência de classe através do seu poder político. Como Étienne Lantier afirma no filme: *“O operário sozinho não é ninguém, mas unido representa uma grande força”*.



Em sua contínua busca por comida, Maheude prossegue até o comércio de Maigrat (Gérard Croce) e pede à este para pagar em outro momento, Maigrat nega por ela estar devendo sessenta francos e insinua “favores sexuais” da filha de Maheude, Catherine, em troca de comida. Diferentemente de Maigrat, o comerciante Rasseneur (Jean-Pierre Bisson) – um antigo mineiro - concede empréstimos e contas em aberto em seu comércio, onde até mesmo o seu bar serve de encontro para discussão e organização política entre os trabalhadores da mina, assim como proposição de ações de enfrentamento com os burgueses. A consciência de classe de Rasseneur é marcada distintamente ao comerciante Maigrat.

O conceito de consciência de classe na tradição marxista como exposto por Wright (1985) se estabelece nos seguintes usos: como característica contrafactual ou por

características de classes imputadas como entidades coletivas e entendida também como um atributo concreto de indivíduos como membros de determinadas classes. A inserção diferencial de Maigrat na relação de classes decorre uma ação de classe oposta aos dos proletários, pois sua ocupação e características materiais históricas proporcionam um processo subjetivo com outro determinado conteúdo de classe, não o aproximando da classe proletária.

No bar de Rasseneur, este informa à Étienne que seu amigo Pluchart lhe escreveu uma carta avisando que a Associação Internacional dos Trabalhadores foi fundada em Londres com muitos adeptos, segundo Rasseneur: *“Pela primeira vez os trabalhadores vão lutar de igual para igual contra os patrões”*. A enigmática figura do anarquista Souvarine (Laurent Terzieff) irrompe em cena num tom de deboche, onde supõe que a saída para os trabalhadores seria *“pôr fogo em todas as cidades”*. Sua análise conjuntural conduzida se resume em sua fala: *“Ateiem fogo aos quatro cantos das cidades, ceifem os povos, arrasem tudo e, quando nada mais sobrar deste mundo podre, talvez surja dele um melhor”*.



Diferentemente de Souvarine, Rasseneur e Étienne possuem táticas e estratégias distintas a sugerir aos trabalhadores. Inspirado pela organização da Associação Internacional dos Trabalhadores e pelo marxismo, Étienne afirma que a força do proletariado é o número de trabalhadores e propõe aos trabalhadores da mina a criação de um fundo financeiro de resistência para estes utilizarem quando decretarem à greve e não receberem seus salários. Nutrido por um socialismo progressista e reformista, Étienne designa que os trabalhadores paguem uma quantidade para seu próprio fundo de resistência e se filiem à Associação Internacional dos Trabalhadores antes de proporem uma greve aos burgueses. O anarquista discorda desta estratégia, pois para ele esta condicionante *“é uma condenação à prisão perpétua da fome e miséria”*.

A oposição entre Souvarine, inspirado pelo teórico Mikhail Bakunin através de um aparato anarquista, e Étienne por Karl Marx e a Associação Internacional dos Trabalhadores, expressa não apenas uma disputa, mas um sentimento de revolta dos trabalhadores e a

necessidade imediata por prudentes estados de trabalho e de vida, apesar de suas divergências. Seja pela vertente anarquista ou pelo marxismo, inúmeras estratégias de organização política dos trabalhadores emergem durante a história, porém como demonstrado em *Germinal*, a capacidade de se agrupar surge por meio da necessidade da luta de classes e a reação à recusa a exploração no trabalho e a sua dura existência.

Assim como Souvarine, para o mineiro Chaval (Jean-Roger Milo), apenas o derramar de sangue irá transformar a sua precariedade. A figura de Chaval associa-se mais perante à sua violenta personalidade que um desejo por uma organização proletária. Após seduzir Catherine, ao pagar-lhe uma fita para seu chapéu, Chaval a estupra e impõe que esta deve morar em sua casa. Chaval caracteriza uma ameaça aos próprios trabalhadores, ainda que este se encontre na mesma posição, a sua destemida violência e a capacidade de negociar com os patrões diante de uma greve é um agravo. De maneira autoritária, sexista e criminosa, Chaval impõe seu domínio à Catherine utilizando da força e manipulação ao sugerir que esta venha a residir com ele.

Após sair de casa, Catherine não é mais bem-vinda por sua mãe, pois esta não está mais contribuindo com o seu salário para a alimentação familiar, e segundo Maheude, entregando todo o seu salário para Chaval. A preocupação de Maheude com este salário se assemelha ao caso de seu outro filho, Zacharie (Thierry Levaret), pois este também irá sair de casa devido ao seu casamento. A afeição perante os seus filhos neste momento se mantém economicamente e tangida pelas necessidades familiares de sobrevivência.

Com menos dois salários em seu lar, Maheu convida Étienne para residir em sua casa. A preocupação de Maheude e Maheu com os filhos se substancia diretamente pela estrutura de produção da mina, estes enxergam cada membro da família como um instrumento de produção: “Diferenças de sexo e de idade já não tem valor social para a classe operária. Restam apenas instrumentos de trabalho, cujo custo varia em função da idade e do sexo (MARX; ENGELS, 2001, p.36). Distintamente aos burgueses, o casamento de seus filhos não é marcado por banquetes que sugerem a troca de relações comerciais, mas a troca de relações de desesperança para o desespero da fome. Antagonicamente, suas as relações familiares são pautadas pela estrutura de classes.



Um desmoronamento ocorre na mina, onde um dos filhos de Maheude machuca sua perna. O médico informa que este, Jeanlin (Albano Guaetta), não poderá trabalhar. Com menos o salário de Jeanlin, Zacharie, Catharine e o avô Boa Morte adoentado em casa, Maheude se desespera. Pelo desmoronamento e para a manutenção de sua propriedade, a Companhia da mina informa que cobrará multas dos trabalhadores por cada mal escoramento realizado na mina, assim como diminuirá seu pagamento. Sem receber os auxílios necessários, para os proletários só restou as multas por não ter conseguido impedir o desmoronamento. A injustiça deste acontecimento fortaleceu o desejo e a necessidade de organização dos trabalhadores.

A condição de existência do capital é o trabalho assalariado. Este repousa exclusivamente na concorrência entre os operários. O progresso da indústria, de que a burguesia é o agente passivo e involuntário, substitui o isolamento dos operários resultante da concorrência, por sua união revolucionária em associação. Com o desenvolvimento da grande indústria, a burguesia vê ruir sob seus pés a base sobre a qual produz e apropria-se dos produtos. A burguesia produz, acima de tudo seus próprios coveiros. Sua queda e a vitória do proletariado são igualmente inelutáveis. (MARX; ENGELS, 2001, p.45)



Em face do caótico cenário, Étienne e os trabalhadores decidem pelo início da greve, ainda que o seu fundo de resistência não apresente uma boa quantidade de francos, constando apenas seis mil: “Que fazer com seis mil francos? Não dá pra comer nem seis dias. Essa greve é uma asneira”, afirma Rasseneur. O anarquista debocha pontuando que a greve arruinará uns

e matará outros, reafirmando sua posição em destruir todas as minas. Ao serem informados que a Companhia aumentará o valor da multa por cada escora mal feita e diminuirá o pagamento, os trabalhadores reúnem-se e decretam a greve.

Uma comissão de trabalhadores desloca-se à casa dos burgueses para negociar o preço de seu pagamento e melhores estruturas na mina e têm seus pedidos negados pelo diretor da Companhia, mantendo assim a greve. O diretor chama a atenção de Maheu por estar reunido com os trabalhadores: “A *Internacional* lhe enrolou, esse exército de bandidos que pensam em destruir a sociedade”. Este dirigente da Companhia afirma que a greve irá afetar à eles e os trabalhadores, porém Étienne lhe responde sobre a diferente alimentação de ambos, onde os trabalhadores desejam comer ao menos um pão todos os dias. Maheu representa a figura do tranquilo trabalhador obediente e Étienne o do “*agitador de fora*”:

A conduta dos trabalhadores é deplorável", escreveu um gerente de minas francês em 1869, no processo de violenta repressão a uma espécie de greve que o livro *Germinal* de Zola nos deu um retrato tão vivo, "mas é preciso ter-se em conta que eles foram apenas vítimas de agitadores." Para ser mais preciso: o militante operário ativo ou o líder potencial *precisava*, por definição, ser um "agitador", já que não podia ser classificado dentro do estereótipo de obediência, boçalidade e estupidez. (HOBSBAWN, 2002, p.253)

As proletárias invadem o estabelecimento do comerciante Maigrat em busca de comida, este as expulsa e novamente tende a pedir “favores sexuais”. As trabalhadoras afirmam estar fartas da miséria. Após a intensificação da greve e a destruição do vilarejo de Mirou, os proletários enfurecidamente voltam à propriedade de Maigrat e o comerciante tenta fugir pelo telhado e acaba por falhar, derrapando, caindo morto ao chão. Num ato simbólico, uma trabalhadora arranca o seu pênis e o exhibe satisfatoriamente para todos. Étienne se assusta perante os rumos da greve.



Os proletários decidem ir até as minas que não prosseguiram com a greve e confrontar aqueles que continuaram trabalhando. Chaval é acusado pelos mineiros de Voreux de manter o trabalho nas minas de Jean-Bart durante a greve, mas nega. Ao se reunir com os mineiros

em Jean-Bart, Chaval afirma que ninguém irá trabalhar. Ao saber da posição de Chaval, o diretor da mina de Jean-Bart, Deneulin (Bernard Fresson), convida Chaval para negociar e oferece a posição de capataz se o mesmo não prosseguir com a greve e ele acaba por acatar.

A estratégia de greve dos proletários fracassa, como previra Rasseneur. As características da greve no filme *Germinal* expõe o início de uma organização dos trabalhadores, contextualizando com o século XIX e a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores em Londres. As características desta greve contendo o objetivo de melhores salários e condições de trabalho na mina apresentam um breve passo para uma aproximação de uma base dos trabalhadores com uma identidade coletiva e consciência de classe. Ainda que sua greve e piquete tenha sido um insucesso, ela denota um embrionário poder de força dos trabalhadores.

Além de sua eficácia no processo da contratação coletiva, a Greve tem sido freqüentemente (sic) considerada uma arma essencial na luta de classe. A Greve, de fato, não é somente uma prova de força no confronto com o adversário. Antes de tudo, pode ser um fator de identidade, um elemento que permite ao grupo dos trabalhadores, que participam da Greve, se reconhecerem como classe em oposição a uma outra. Além disso, tem sido e é um recurso importante também no conflito político. (BOBBIO, 1998, p.561).

Com a chegada dos proletários de Voreux em Jean-Bart, um confronto se alastra e os mineiros grevistas agredem aqueles que ainda trabalham em Jean-Bart, incluindo Catherine e Chaval. Catherine impede que Étienne mate Chaval e os trabalhadores terminam por destruir a mina de Jean-Bart e se locomovem à Mirou. O exército ocupa Mirou e faz os trabalhadores se dissiparem e recolherem-se em suas casas e esconderijos.

Após um longo período de dois meses de greve e padecimentos em meio à fome, incluindo uma das filhas de Maheu, Étienne sinaliza que irá ceder ao fim da greve. Nota-se que a presença do Estado surge em defesa da propriedade da classe burguesa sob a estada do exército ao retrain os trabalhadores ao fim de sua greve. Marx e Engels(2001) consagram que o proletariado não pode se erguer sem estilhaçar a estrutura e superestrutura de estratos que constituem a sociedade oficial, notadamente isto é visto no filme de Claude Berri por meio da derrota dos trabalhadores na greve.

Clandestinamente e sendo procurado pelo exército, Étienne dirige-se ao bar de Rasseneur para discutir a derradeira da greve. Chaval aproxima-se do bar e informa à Étienne que irá trabalhar em Voreux com os trabalhadores belgas que a Companhia irá contratar, despertando assim uma briga. Chaval porta uma faca e Catherine se posta diante dele e o impede de agredir Étienne. Ao perceber o desejo e paixão de Catherine por Étienne - que se

desenvolve durante todo o filme e se explicita durante a briga -, Chaval a expulsa de sua casa e a ordena se juntar com Étienne.



Através da chegada dos trabalhadores Belgas em Voreux, os mineiros grevistas movem-se até a mina e o exército em prontidão ameaça atirar se estes prosseguirem. Os trabalhadores locais lançam tijolos no exército que revida com balas e consumam no assassinato de Maheu. O estado dos trabalhadores se degrada e muitos decidem retornar ao trabalho nas minas. Pelo agravo de mortes e a fome, Étienne afirma não ter mais solução para a greve e decide também pelo retorno ao trabalho na mina, agora acompanhado de Catherine.

Souvarine sabota a mina de Voreux quebrando a bomba d'água em proximidade ao momento em que os trabalhadores retornam à ela. Ao notar que Étienne e Catherine também estão retornando, este tenta impedi-los, mas sem sucesso. A mina começa a ser inundada logo após o anarquista ir embora do vilarejo. Ao perceber a inundação, os mineiros conseguem deixar a mina, com exceção de Chaval, Catherine e Étienne. Em seguida, a mãe de Catherine e Zacherie chegam até esta. Encurralados pela inundação dentro da mina, Chaval tenta abusar de Catherine que encontra-se bastante debilitada. Étienne o impede e assassina Chaval com uma pedra.

Zacherie desce até a mina na tentativa de resgata-los, mas ocorre uma explosão causada pela sua lamparina, findando ao seu falecimento. Diante de sua debilidade e esgotamento físico, Catherine se declara para Étienne afirmando que sempre o amou e desfalece em seus braços não resistindo à fraqueza proporcionada pelo trabalho e pelo acidente. Após a explosão em uma área da mina, os trabalhadores retornam na tentativa de encontra-los e conseguem resgatar a ambos. Na entrada da mina, Maheude se desespera com a perda de seu dois filhos.



No vilarejo, uma família de burgueses movimentam-se em prol de realizar caridade aos trabalhadores famintos e encontram Boa Morte em um âmbito degradante, lastimado por doenças e problemas mentais. Ao ficar sozinho com a filha do casal de burgueses, Boa Morte enforca-a e a mata com suas mãos. A classe burguesa esgota a capacidade mental e laboral de Boa Morte em troca de seu bem-estar e propriedade. Ao receber migalhas por esta caridade, Boa Morte não vê outra alternativa senão lhe retribuir o ódio e a morte.

No desfecho do filme, todos os trabalhadores retornam para a mina de Voreux e Étienne decide ir embora da cidade. Ao passar pela mina, Étienne encontra Maheude e ela relata que voltou ao trabalho pelas crianças e por Boa Morte – que o cérebro já não funciona e por isso não foi condenado -. Maheude se despede de Étienne e diz que a culpa das mortes em sua família não é sua, mas de todos. Ao deixar o vilarejo, Étienne afirma: *“Sim, já dizia Maheude, com o seu extraordinário bom senso, seria uma boa medida se agrupar tranquilamente, se conhecer, criar sindicatos, quando as leis o permitiram, e no dia em que milhões de trabalhadores se enfrentarão com milhares de revolucionários, tomar o poder, acabar os patrões. Que amanhecer de verdade e justiça!”*.



A estrutura do modo de produção exposto no filme demonstra o acúmulo de capital de uma determinada classe e a dominação dos trabalhadores através desta estrutura. Ainda que os proletários disputem posições divergentes mediante à sua forma de organização e atuação, sua posição social e ação estão diretamente ligadas à sua própria conjuntura histórica de vida e

pelo aparelho da sociedade burguesa. Marx expõe não se tratar do que um ou outro proletário pode agir situacionalmente como meta, mas “trata-se do que o proletariado é e do que ele será obrigado a fazer historicamente de acordo com o seu ser” (MARX; ENGELS, 2003, p.49). *Germinal* brilhantemente expõe todas estas nuances, da exploração à organização dos proletários.

REFERÊNCIAS

- BOBBIO, Noberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- GERMINAL**. Direção: Claude Berri. França: Renn Productions, France 2 Cinéma, DD Productions, 1993, 1 DVD.
- GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber**. Lisboa: Presença, 1990.
- HOBSBAWM, Eric. J. **A Era do Capital 1848 - 1845**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&pm, 2001.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Sagrada Família**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MOTTA, Katya Maia. Literatura e Cinema: A adaptação do romance de Émile Zola. **Cadernos de Pós-graduação em Letras**. São Paulo, v. 6, n. 1, jan. 2006.
- POULANTZAS, Nicos. **Classes in Contemporary Capitalism**. Londres: NLB, 1975.
- ZOLA, Émile. **Germinal**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Marcos Felipe Rodrigues de Sousa
Graduado em Ciências Sociais e Mestrando do PPGCP/UFPA